

TRADUZIR TEORIA DA TRADUÇÃO

TRANSLATE TRANSLATION THEORY



Editoras-convidadas

Monique PFAU
Professora adjunta
Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Salvador, Bahia, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/2813361820674391>
<https://orcid.org/0000-0002-6388-5737>
moniquepfau@hotmail.com

Márcia Moura da SILVA
Professora adjunta
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Letras
Departamento de Línguas Modernas
Programa de Pós-Graduação em Letras
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil
<https://lattes.cnpq.br/4660817760577451>
<https://orcid.org/0000-0002-4788-1461>
marciamouras@hotmail.com

Traduzir, em qualquer instância, é lidar com a dimensão reflexiva da metatradução (Hermans, 2014). Nesse sentido, podemos perceber o ato de traduzir teoria da tradução como uma metatradução potencializada: a teoria está na prática, e a prática está na teoria. O nosso objeto de estudo, a tradução, aquela que tentamos entender, aplicar, aprender, ensinar, catalogar, categorizar e desconstruir, torna-se real a partir do momento em que a teoria do próprio texto emerge de nossas próprias mãos. Como Hurtado Albir (2020) afirma, traduzir exige, entre outras competências, proficiência de leitura do texto-fonte e proficiência de escrita do texto-alvo. Nessa perspectiva, traduzir teoria da tradução é um profundo estudo através de leituras detalhadas e sucessivas e de escrita seletiva, perceptiva, que elege prioridades, ética e estética a partir de um texto escrito por outra pessoa, agora reescrito por nós. O processo da tradução de teoria da tradução, portanto, nos leva a ser tradutoras/es e tradutólogas/os ao mesmo tempo, tanto no ato de traduzir quanto no ato de acessar a teoria através da tradução (Echeverri, 2017). A partir dessa acessibilidade e circulação de teoria traduzida em diferentes localidades do mundo, a trajetória e a tradição dos Estudos da Tradução podem ser fortemente influenciadas e transformadas. Isso nos leva, como coloca Odrekivska (2019), a reconsiderar

1



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons* Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

o campo disciplinar dos Estudos da Tradução nos contextos sociais, culturais e acadêmicos em um processo reflexivo, denominado por Echeverri (2017) “metavirada”.

Dito isso, a proposta desse número foi trazer à tona pesquisas e reflexões envolvendo diferentes aspectos da prática da tradução de obra(s) de teoria da tradução, como processos colaborativos de tradução de teorias da tradução, ensino e aprendizagem, mapeamentos e cartografias, recepção, críticas e impactos sociais.

A tradução e a teoria andam indissociavelmente lado a lado. Isso acontece porque, em primeiro lugar, o ato de traduzir é de natureza autorreflexiva. Em outras palavras, a pessoa tradutora, pelo menos aquela comprometida com a sua tarefa, pondera os seus caminhos e as suas escolhas ao longo de todo o processo tradutório. Em segundo lugar, o ato de elaborar pensamentos teóricos também é uma tradução. Nesse sentido, e talvez um pouco mais abstrato que os pressupostos convencionais da tradução, o fazer teórico incita ressignificações e combinações intertextuais no ato de conceber, na sua forma textual, um pensamento teórico. Essa relação tão próxima entre prática e teoria pode ser melhor observada nos textos que compõem este número da revista *Belas Infiéis* — além de dezenove traduções, o número conta com cinco artigos, um ensaio e uma resenha. Os artigos e a resenha, majoritariamente, mostram situações de autorreflexão sobre a importância de se traduzir teoria, seja para a área, para a pesquisa, ou para o/a tradutor/a, sobretudo em formação.

Em *Teorias de tradução traduzidas em periódicos brasileiros on-line nos últimos dez anos: um panorama*, as autoras, Pfau *et al.*, apresentam um levantamento de textos traduzidos de teorias de tradução publicados em periódicos brasileiros entre 2013-2023 e discutem questões como o perfil dos periódicos, a escolha dos descritores para a indexação dos artigos, as línguas-fonte mais traduzidas e nacionalidade de autoras e autores. O estudo mostrou que ainda há um longo caminho para a padronização dos periódicos — nem todos trazem, por exemplo, informações como título, língua ou ano de publicação do texto-fonte — e que, em alguns periódicos, não há diferenciação entre tradução literária e de teoria. Apesar disso, observou-se um aumento na publicação de teoria traduzida em periódicos especializados on-line e grande valorização da atividade tradutória, com tradutoras e tradutores devidamente creditados. Além disso, como esperado, a grande maioria dos textos-fonte é em inglês, seguida, de longe, pelo francês e pelo espanhol. A esse respeito, as autoras sugerem que se escolham mais textos fora da Europa ocidental para promover a diversidade na reflexão teórica sobre o fenômeno tradutório e que, no Brasil, as línguas indígenas e a Libras estejam mais presentes nessa reflexão.

A partir da prática docente, Márcia Moura da Silva, no artigo *A tradução de teoria na formação do tradutor*, discorre sobre os benefícios da teoria na formação do tradutor, especialmente quando a teoria se torna material a ser traduzido, e sobre como o acesso a textos teóricos traduzidos promove uma visão mais ampla da tradução. A autora adverte, porém, que no mundo globalizado, onde a tradução é essencial, é preciso haver mais equilíbrio no compartilhamento de ideias, visto que fazemos parte de um grupo que produz e consome um grande volume de textos traduzidos, mas a maior parte da teoria traduzida que nos chega vem de países hegemônicos. Nesse sentido, a autora acredita que cursos de graduação em tradução podem ser o ambiente ideal para começar a pensar em maneiras de alcançar esse equilíbrio, pois um curso universitário vai além de um simples treinamento — ele deve formar tradutores conscientes de seu papel nesse mundo globalizado. Escolher textos de países não hegemônicos para traduzir e refletir sobre as próprias produções e contribuições pode ser um bom começo.

Em *Reflexões teóricas e o fazer tradutório: o projeto Diversas faces da tradução na contemporaneidade*, as autoras Samira Spolidorio, Marcella Wiffler Stefanini e Erica Lima apresentam as diretrizes, as metodologias, as reflexões e os resultados de um projeto de tradução colaborativa, fundamentado em um modelo hermenêutico, desenvolvido na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Esse projeto resultou em duas coletâneas de textos teóricos traduzidos para o português por estudantes de mestrado e doutorado do programa de pós-graduação em Linguística Aplicada da Unicamp que versam sobre diferentes temas, como, por exemplo, tecnologia, tradução e ensino de línguas, tradução não especializada, multimodalidade na tradução, audiodescrição, ativismo, migração e censura. A coletânea inclui autores consagrados e outros pouco conhecidos para promover diversidade teórica e modelos que possam servir a diferentes contextos. Segundo as autoras, além de estimular metarreflexão sobre os Estudos da Tradução e o processo tradutório, a participação no projeto estimulou o pensamento crítico e permitiu que as(os) participantes refletissem sobre seus papéis como divulgadoras(es) de conhecimento científico, visto ser por meio da tradução que determinados conceitos e abordagens passam a circular nos mais variados espaços.

Com o objetivo de observar como a tradução de teoria de tradução promove reflexão sobre o fazer tradutório, Pfau *et al.*, em *Traduzir teorias de tradução em uma pedagogia colaborativa: um processo de metatradução*, apresentam as diferentes etapas do processo de tradução de sete textos teóricas/os com temas variados. O grupo de tradutoras e tradutores, formado pela professora e por estudantes de graduação e pós-graduação do curso de Letras da Universidade Federal da Bahia, em uma abordagem de pedagogia colaborativa (Esqueda,

2019), tomou decisões coletivamente para ativar a aprendizagem na troca de saberes. Entre outras decisões tomadas pelo grupo, destacam-se a escolha de textos-alvo de autoras e autores do Sul Global — a indiana Tejaswini Niranjana, o camaronês Joseph Che Suh e o sul-africano Kobus Marais —, a distinção dos gêneros masculinos e femininos (p. ex.: tradutor/a) e o uso de notas de tradução em todos os textos. Esse processo coletivo de tradução de textos teóricos abriu espaço para uma variedade de interpretações, facilitou a resolução de desafios tradutórios e promoveu grande reflexão entre os participantes, que acabaram por utilizar estratégias apresentadas na teoria.

Em *A última obra de Pascale Casanova: uma teoria inovadora da literatura e da tradução*, Marie-Hélène Torres comenta sua tradução de *La langue mondiale: traduction et domination*, da socióloga e crítica literária Pascale Casanova, destacando as reflexões teóricas da socióloga e o impacto da tradução para o contexto de chegada. A autora aponta que Casanova, inspirada na obra do sociólogo francês Pierre Bourdieu, explora “as dinâmicas de poder, dominação e resistência que estruturam o mundo literário”. A tradutora adiciona material paratextual à sua tradução, contextualizando o pensamento de Casanova, que analisa o papel da tradução como instrumento contra a dominação linguística e discute as implicações do papel atual da língua inglesa, por ela chamada “língua mundial”. Para a socióloga, a aquisição de uma segunda língua “prestigiosa” leva à dominação linguística e ao risco de desaparecimento de línguas periféricas. Nesse sentido, a tradução serviria como ferramenta de resistência, impactando diretamente a independência e a identidade das culturas-alvo. Para a autora, o texto de Casanova dialoga com os Estudos da Tradução ao explorar o papel da tradução na circulação e na dominação das línguas.

No ensaio *Tradução em perspectiva: desafios da revisão de teoria da tradução*, Davi Gonçalves propõe uma reflexão sobre o processo de revisão do livro *Tradução em perspectiva: um diálogo entre tradutores e conceitos teóricos*, escrito por oito autoras(es), organizado por docentes da Universidade Estadual de Maringá, traduzido por dezessete estudantes do curso de Bacharelado da mesma universidade e revisado por quatro profissionais da área. Em sua discussão, o autor identifica os principais desafios que emergiram desse processo colaborativo, ressaltando seu caráter comunitário, que permitiu que dúvidas e soluções fossem compartilhadas entre os diferentes agentes do processo, resultando em uma produção coletiva de caráter formativo e técnico, cuja qualidade foi alcançada pela participação de pessoas com competências específicas para desempenhar essa tarefa. Nesse sentido, o autor ressalta a

importância de discutir a competência como conhecimento especializado para a profissionalização de tradutoras e tradutores.

Nas traduções, é possível observar uma amostra de temas e abordagens teórico-metodológicas que vêm alimentando as discussões na área. Parece haver bastante interesse em trazer para o português brasileiro estudos sobre tradução e feminismo, tradução audiovisual, tradução de textos especializados, formação de tradutores/as e estudos de tradução no Sul Global. Muitos desses textos trazem perspectivas históricas, contribuindo para o entendimento de percursos de alguns subcampos dos Estudos da Tradução, outros apresentam teorias, paradigmas e conceitos teóricos que acompanham, contribuem ou mesmo inovam os Estudos da Tradução no Brasil, estabelecendo um diálogo mais direto da pesquisa em tradução com outras áreas e outras partes do mundo. Nesse sentido, percebe-se os tópicos que pesquisadores/as da tradução brasileiros/as (aqui, os/as tradutores/as desses textos) buscam e tentam, por meio da tradução, dialogar com as pesquisas dos Estudos da Tradução no Brasil.

Em relação à tradução e feminismo, o número conta com três artigos traduzidos. Essa quantidade expressa o crescimento do interesse nos estudos feministas da tradução no Brasil, a exemplo das recentes publicações do número especial *Estudos Feministas da Tradução*, da Revista Estudos Feministas (Matos e Guerini, 2025) e a coletânea *Tradução e Estudos de Gênero* (Rocha e Caribé, 2022). O primeiro texto, *Feminismo e tradução na Índia: Por que precisamos pensar sobre linguagem no ativismo feminista*, trata-se de um roteiro de comunicação proferida por Tejaswini Niranjana e traduzido pelo grupo de pesquisa KiT. O texto apresenta algumas questões sociais das mulheres indianas e a relação em termos de linguagem, poder, desigualdade e representação da tradução nesse contexto. Esse artigo é uma continuidade da discussão que iniciou no conceito colonial dos anos 1990, quando publicou ‘Siting Translation’ (Niranjana, 1992). Nesse sentido, o texto é uma discussão sobre as relações dos Estudos da Tradução com o feminismo, particularmente o indiano, a construção do sujeito na Índia e a relação de cultura e gênero no país.

No segundo texto, *Difrações de gênero e tradução: rumo a outra cartografia de saberes situados*, escrito por Lola Sánchez e traduzido por Leticia Pilger da Silva, a autora questiona os cânones e genealogias ocidentais e busca em teorias latino-americanas feministas outras epistemologias que possam ter um lugar na discussão feminista mundial. Em relação à tradução, aponta que é necessário combater seu papel como instrumento cultural e político na construção de representações negativas de culturas locais e concentrar seu potencial de resistência ao discurso ocidental dominante. Nesse sentido, a autora chama a atenção para o

ambiente social, intelectual e político da América Latina, que se mostra propício para a condução de discussões relevantes sobre a hegemonia cultural, e aponta que para se criar uma política difratada da tradução e construir uma nova cartografia de genealogias feministas. Para isso, é preciso fazer circular textos e autoras de países não hegemônicos, cujas vozes normalmente são excluídas e marginalizadas por políticas de tradução que seguem uma lógica colonial.

O terceiro texto, *Tradução e Feminismos*, escrito por Olga Castro e María Laura Spoturno e traduzido por Nylcéa Thereza de Siqueira Pedra, é uma entrada do *Dictionary of Gender in Translation*. O texto sistematiza a interface entre tradução e feminismo em abordagens de estudos contemporâneos apresentando um importante referencial bibliográfico. Algumas discussões envolvem, por exemplo, metáforas, tradução e escrita de mulheres, epistemologias e discursos, representações textuais, estratégias feministas de tradução, tradução *queer* e interpretação. O texto serve como uma sólida porta de entrada para o tema, que vem crescendo exponencialmente no Brasil, trazendo reflexões em vozes transnacionais.

6

A tradução audiovisual (TAV) também é tema de três traduções. A pesquisa em TAV vem crescendo no Brasil, com trabalhos como Trindade (2022); Rocha (2020); Dias (2018); Araújo (2016); Collet (2016); Freire, (2011); Veiga (2006), e números especiais de alguns periódicos como, por exemplo, os últimos volumes da Cadernos de Tradução da UFSC (Moura; Villanueva-Jordán, 2025) e da Cadernos de Tradução da UFRGS (Silva, 2025). Esse crescimento segue os passos dessa modalidade no resto do mundo, como reflexo do desenvolvimento tecnológico que abriu caminho para o surgimento de uma série de plataformas que requerem material audiovisual, como é o caso dos *streamings*, a exemplo da Netflix, HBO Max, Disney+, entre tantos outros, e os videogames.

No primeiro texto de Rocío Baños e Jorge Díaz-Cintas, no artigo *Explorando novas formas de tradução audiovisual na era da mídia digital: ciberlegendagem e ciberdublagem*, traduzido por Fernanda da Silva Góis Costa, Amanda Hora da Silva e Paulo Henrique Santos Nunes, as incertezas conceituais na área da tradução audiovisual (TAV) são investigadas, para a qual, em trabalhos anteriores, sugeriram os termos mais abrangentes “ciberlegendagem” e “ciberdublagem” para levar em consideração as diversas variedades de legendas e dublagens encontradas hoje na internet. Com o aumento da demanda, sobretudo com o surgimento das plataformas de *streaming*, cada vez mais pessoas estão trabalhando com TAV, mas nem sempre em condições favoráveis, e muitas trabalham sem remuneração ou à mercê da exploração corporativa. Na literatura, entre outras, essas práticas recebem denominações como tradução

realizada por fãs, tradução amadora, *crowdsourcing*, tradução colaborativa, tradução não profissional. Refletindo sobre esse cenário, a autora e o autor também discorrem sobre as implicações sociais e éticas dessas práticas. Ao final, propõem uma taxonomia revisada que acreditam ser mais abrangente e flexível e que poderá ser adaptada e testada pela comunidade acadêmica.

Jorge Díaz-Cintas também aparece traduzido em *Legendagem: O longo caminho para o reconhecimento acadêmico*, traduzido pelo grupo de pesquisa KiT. Esse artigo foi originalmente publicado no início do século XXI e conta um pouco da história dos estudos e reconhecimento acadêmico da tradução audiovisual (TAV) no século XX, sobretudo na Espanha. Díaz-Cintas também propõe algumas reflexões para o futuro que já podem ser observadas após duas décadas da publicação original de seu artigo em inglês com o crescimento exponencial dos estudos da TAV não só na Espanha, como em várias partes do mundo, incluindo o Brasil.

Por fim, no terceiro texto sobre a TAV, *A tradução audiovisual está pondo em xeque o conceito de tradução?*, escrito por Frederic Chaume e traduzido por Willian Moura, o autor afirma que a tradução audiovisual (TAV) vem desafiando o conceito “tradicional” de tradução, e que novas práticas, que envolvem novos públicos, “apontam para um novo conceito de equivalência”. Embora nos ET, a tradução venha sendo discutida para muito além de uma mera transferência linguística e a equivalência definida a partir de diferentes perspectivas¹ há muito tempo, é importante abrir espaço na disciplina para a reflexão sobre novas modalidades de tradução, que, como aponta o autor, revelam novas tendências de consumo, novos dispositivos e tecnologias e também uma categoria de público-alvo que já está habituado a ser o personagem de seu próprio *game*. O autor apresenta uma breve diferenciação entre localização, TAV e mediação midiática, juntamente com vários conceitos relacionados a essas modalidades (ex.: transadaptação, adaptação, transcrição, narrativas transmídia, *remakes*); traz os tipos de tradução de Jakobson (2009) para explicar seus mecanismos na TAV; e insiste que os ET precisam revisitar os conceitos de tradução e de equivalência, sugerindo que esta última abarque todos os fenômenos de adaptação que ocorrem na TAV.

Outro assunto que também apareceu em três artigos traduzidos é a reflexão sobre tradução especializada. No Brasil, podemos considerar como obra inaugural a *Tradução Técnica e Condicionantes Culturais*, de João Azenha Jr. (1999) e, a partir disso, observamos a pesquisa brasileira em tradução especializada se desenvolvendo nas décadas seguintes em interfaces com, por exemplo, a terminologia (Bevilacqua, Reuillard, Silva, Sales e Loguercio,

2023); a linguística de *corpus* (Rebechi, Santos e Tagnin, 2025); a formação de tradutores/as (Neckel e Vasconcellos, 2023), a localização de jogos (Malta e Barcelos, 2017), a tradução jornalística (Zipser, Costa, Almeida e Polchlopek, 2010), a tradução juramentada (Brizolara, 2024), a tradução de textos científicos (Pfau e Humblé, 2019, Foley, 2006), turísticos (Calvi e Rafael, 2022) e gastronômicos (Rebechi, Schabach e Freitag, 2021), só para citar alguns.

Nesse sentido, o texto *Ciência, tradução e o entrelaçamento: uma conceitualização performática da tradução científica*, a autora Maeve Olohan, o tradutor João Gabriel Carvalho Marcelino e a tradutora Patrícia Rodrigues Costa trazem uma discussão sobre tradução de ciência em uma perspectiva sociológica a partir do conceito de “entrelaçamento da prática” de Andrew Pickering. Os avanços científicos e tecnológicos aparecem como uma dialética de resistência e acomodação. Nessa perspectiva, “estudar as práticas de tradução” pode ser vista como um componente integral das práticas científicas com perspectivas de forma integrada. A proposta do artigo, portanto, é uma mudança ontológica nos Estudos da Tradução com a finalidade de aprimorar práticas de tradução em uma abordagem performática, especialmente em relação a ferramentas, tecnologias e desenvolvimentos sociotécnicos da tradução. Nesse sentido, o artigo é uma importante contribuição para pesquisadores/as que se deparam com o ainda tímido estudo de tradução técnico-científica no Brasil.

O texto de Silvia Bacco, traduzido por Mônica Stefani e Amanda da Silva Oliveira em *A Tradução técnico-científica: novos olhares que nos aproximam a um melhor exercício*, nos relembra que a tradução técnico-científica é a especialidade de tradução com maior demanda no mundo e que mais requer atualizações de conhecimento. Assim o texto apresenta alguns olhares sobre a formação de tradutores e tradutoras e seus desempenhos profissionais em três eixos: o contexto argentino que carece de mais profissionais da tradução técnico-científica; a formação alternativa que se difere da tradicional a partir da responsabilidade social universitária; e, por fim, as vicissitudes da tradução técnico-científica para resolver problemas de naturezas diversas, levando em conta os formatos digitais e seus usuários em uma perspectiva funcionalista. Bacco, nas vozes de Stefani e Oliveira, defende que o êxito está relacionado a hiperespecialização em uma formação de tradutores/as multidisciplinares que compreendam e atuem no mundo em que vivem.

O terceiro artigo, *Uma visão geral da interferência na tradução técnico-científico*, traduzido pelo grupo de pesquisa KiT, Javier Franco Aixelá propõe uma reflexão sobre a natureza da interferência em uma abordagem descritivista. Seu olhar parte para gêneros textuais técnico-científicos, especialmente no par de línguas espanhol-inglês, tentando assim

compreender a prática da interferência a partir de argumentos contra e a favor dela ao considerar questões culturais de cada sistema linguístico. O texto incita, além de reflexões culturais, observações de como as traduções e tradutores/as se comportam dentro desse âmbito e que podem ser refletidas no contexto da tradução técnico-científica brasileira.

Em relação à formação de tradutoras e tradutores, o número conta com duas traduções. Esse assunto permeia os Estudos da Tradução desde os seus primórdios com a obra de Paulo Rónai (1957), obra que marca o início do campo disciplinar no Brasil, e se perpetua com constantes reflexões e atualizações, como por exemplo Alves (1997), Martins (2006) e, mais recentemente, com as coletâneas organizadas por Pereira, Costa e D'Ávila (2022; 2020) e Malta (2023), só para citar alguns exemplos. Esqueda (2025) apresenta um estudo bibliométrico de 41 anos sobre publicações de artigos científicos no assunto e, apesar de entender os resultados como baixos devido à quantidade de instituições formadoras no Brasil, seu estudo apresenta uma constante que mostra continuidade com as duas traduções disponíveis nesse número. As traduções aqui presentes, portanto, mostram a busca latente por mais estudos dentro deste âmbito.

Em *Usabilidade como enfoque de colaboração multiprofissional: Um estudo de caso didático sobre tradução centrada em usuárias/os*, das finlandesas Tytti Suojanen, Kaisa Koskinen e Tiina Tuominen, traduzido por Manoela Cristina Correia Carvalho da Silva, Camila Batos Rocha, Jamine Batista Dourado e Letícia Vitória Pimentel da Silva, encontramos uma proposta didática e funcionalista (com enfoque no contexto-alvo), porém com a atenção mais voltada a usabilidade do texto, propondo um design centrado em usuárias/os com ferramentas de usabilidade. Trazendo o conceito de tradução centrada em usuárias/os (TCU), o texto propõe uma linguagem compartilhada com especialistas da comunicação, tais como redatoras/es técnicas/os, com o objetivo de fomentar a conexão e colaboração multiprofissional. A partir de suas experiências didáticas e feedback de estudantes, as autoras trazem quatro métodos da TCU: personas, leitora/or implícita/o, avaliação heurística e testagem de usabilidade. Por conseguinte, o artigo traz um método viável e de fácil compreensão para interações profissionais interculturais onde a tradução acontece voltada à/ao usuária/o.

Já o texto de Richard Kelly Washbourne, em *Teorizando a formação pós-moderna do tradutor*, artigo traduzido por Marileide Dias Esqueda, Laura Silva Dulci e Iara Aparecida da Silva, considera a formação baseada em evidências em oposição à formação baseada em valores. O texto mostra uma análise de 13 noções pós-modernas e suas implicações para a pedagogia da tradução que abrangem ética, intersubjetividade, mudança nas relações de poder

em sala de aula e o dilema do cânone. O autor ressalta que o pós-moderno pode ser abordado “não como uma filosofia de ensino ou um plano pedagógico pronto, mas como um conjunto de ferramentas críticas a ser utilizado ou, ainda, que possa questionar práticas passadas que possivelmente já não servem mais, ou que possam melhor servir os princípios que afirmamos valorizar”. Ainda que esse conjunto de ferramentas pedagógicas seja capaz de prestar vários serviços, o mais importante é a oferta de uma base epistêmica de ensino e aprendizagem menos aleatória. O autor sugere ainda que a questão da tradução seja aprofundada no contexto de formação, e que a discussão inclua outras questões, como relações de poder, do eu, da voz, do texto, da língua, do tempo, da alteridade, do conhecimento, da reflexão e da colaboração.

Também apresentamos aqui artigos traduzidos sobre tradução em espaços que ocupam o Sul Global. Além do texto de tradução e feminismo na Índia de Niranjana anteriormente citado, o número dispõe de dois textos sobre a tradução no continente africano. Sabemos que as pesquisas sobre tradução relacionada à África ainda são incipientes em nosso país, apesar de observarmos o interesse crescente, especialmente na tradução de literatura africana, a exemplo de Alves-Brito (2023), Costa (2023), Santos Rodrigues, (2022), Carrascosa (2016), Carrascosa, Casilhas e Ayoh’Omidire, (2023) e a tese de Oliveira (2024). Assim, as traduções aqui presentes devem contribuir para pesquisadoras e pesquisadores que têm interesse no assunto.

10

O texto de Paul F. Bandia, *Esboço de uma história da tradução na África*, foi traduzido por Joicyane Carolaine das Mercedes Santos e Patricia Chittoni Ramos Reuillard e propõe sistematizar em períodos-chave a história da tradução na África subsaariana, enfatizando a comunicação entre grupos linguísticos locais e colonizadores. A história apresentada no artigo mostra uma África multilíngue e multicultural, desde os âmbitos políticos e administrativos até os artísticos, nas formas tradicionais e intersemióticas que moldam a identidade cultural e o futuro dos povos do continente. Nesse sentido, o texto traz uma grande base para quem quer conhecer um pouco sobre a história da tradução em África, incluindo uma extensa bibliografia para futuro aprofundamento.

Já o texto do camaronês Joseph Che Suh, *Considerações sobre a tradução do teatro africano*, traduzido pelo grupo de pesquisa KiT, é um pequeno artigo de natureza introdutória que traz as principais características do teatro subsaariano para pensar em questões tradutórias específicas. O autor define o teatro africano em subcategorias intrínsecas dessa parte do continente, listando as suas tipicidades e defende que elas devem ser identificadas pelo/a tradutor ao lidar com esse tipo de texto. Ademais, o texto traz um rico referencial bibliográfico,

especialmente de teóricos/as africanos/os, sobre teatro e literatura africana para maior aprofundamento.

Há também uma diversidade de traduções que apresentam teorias, paradigmas e conceitos para o campo disciplinar dos Estudos da Tradução. Alguns vêm ao encontro de teorias já solidificadas no Brasil e outros com propostas novas que podem contribuir para a pesquisa nos Estudos da Tradução. Para abordar as tensões entre tradução e *copyright*, Tong King Lee, em *Tradução e copyright: em busca de uma visão descentralizada de originalidade e autoria*, traduzido por Caroline Santos e Jennifer Lang Dias, apresenta os conceitos de tradufobia (o medo da tradução) e tradufilia (a fetichização da tradução). Em um cenário em que a tradução é fundamental para a disseminação de uma obra em outros contextos, múltiplas versões de uma mesma obra levantam a pergunta crucial sobre quem tem o direito de controlá-la. O autor destaca a relação assimétrica entre autores e tradutores no que diz respeito à propriedade intelectual, em que o primeiro sempre tem maior proteção legal, mas critica o excesso de zelo de alguns teóricos dos ET que, segundo ele, pode levar tradutores a transformar um texto original com o intuito de apenas alcançar autonomia tradutória. Para ele, seria possível que autor e tradutor compartilhassem o controle da obra por meio da concepção de múltiplos níveis, em que o original subsistiria no primeiro nível e as traduções em níveis subsequentes, ainda consideradas originais juridicamente.

Em *Da tradutologia às ciências da tradução?*, escrito por Maryvonne Boisseau e traduzido por Miguel Ângelo Montagner e Clarisse Rodrigues Vieira, a autora apresenta reflexões sobre a tradutologia, disciplina que se desenvolveu no contexto francês e que abrange as dimensões linguística, literária e sociocultural do ato de traduzir e a tradução em si. A autora discorre sobre a relação entre a tradutologia e outras disciplinas (literatura, linguística, filosofia) e apresenta alguns dos temas de pesquisa mais recorrentes dessa relação. Aponta também que na tradutologia da tradição francesa (e nas tradições norte-americana e italiana), grande parte da discussão teórica está relacionada a textos literários e filosóficos, diferentemente de outros países, que incluem uma maior variedade de discursos em suas reflexões, como textos especializados e de áreas das ciências humanas e sociais. O desenvolvimento tecnológico, afirma, deu espaço a outras reflexões tradutológicas que integram, entre outros aspectos, ferramentas digitais, discursos especializados e formação do tradutor. Para ela, as tensões e mudanças recentes na área podem ampliar o horizonte teórico do conjunto de disciplinas, levando-o rumo a uma ciência da tradução.

O artigo de Christiane Nord, *Skopos e (in)certeza: Como tradutores/as funcionais lidam com a dúvida*, traduzido pelo grupo de pesquisa KiT, discute o processo de tomada de decisões e as incertezas oriundas do processo. A proposta é pensar em um processamento top-down para minimizar incertezas a partir do encargo da tradução em uma perspectiva funcionalista. Nessa perspectiva, o texto retoma a tradução “documental” e “instrumental”, conceitos já previamente discutidos por Nord em publicações anteriores, além de normas e convenções culturais. Ademais, a autora relembra os desafios que ocorrem em relação às línguas envolvidas no processo, que podem variar conforme o propósito da tradução e as decisões pessoais da pessoa tradutora. O artigo é, portanto, de interesse tanto para a docentes quanto para pessoas tradutoras iniciantes.

O texto *Narrativas na e da Tradução*, de Mona Baker, aparece em uma retradução² feita por Isabella Vitoria Ramalho, Flávia Cristina Cruz Lamberti e Cristiane Roscoe-Bessa. O texto questiona uma narrativa que vê a tradução como promotora da paz e tolerância por construir meios de comunicação e diálogo. A partir de exemplos, é possível observar essa construção narrativa às custas de uma excessiva romantização da tradução como um serviço social. O argumento tecido é de que, ao mesmo tempo em que a tradução pode promover a diplomacia, ela também pode ser uma ferramenta para fomentar situações conflituosas que subjagam pessoas e autorizar ações de desumanidade. Nesse sentido, o texto traz uma importante reflexão política sobre o papel da tradução na sociedade e as relações de poder que ela pode estabelecer.

O texto do sul-africano Kobus Marais, *Devolvendo significado ao desenvolvimento ou (semio)traduzindo o desenvolvimento*, traduzido pelo grupo de pesquisa KiT, apresenta a relação entre tradução e desenvolvimento ao afirmar que a tradução interlingual costuma ser a base do pensamento em tradução, ainda que o mundo atual se apresenta constantemente em comunicações multimodais. O autor desafia o viés linguístico ao abordar uma discussão sobre as sociedades que se desenvolvem a partir de interações semiósicas fundamentando o desenvolvimento em uma visão peirceana especialmente dos signos degenerados construídos nos ambientes humanos. Assim, Marais combina a semiótica peirceana com o pensamento da complexidade na perspectiva tradutória. O autor acredita que a compreensão dos significados, razões e mudanças que a própria sociedade cria pode contribuir para manter essa mesma sociedade uma sociedade humana. Dessa forma, o texto traz um ponto de reflexão profundo para pensarmos no papel social e filosófico da tradução, além de questionarmos algumas visões mais tradicionais trazidas pela teoria da tradução.

Em *Tradução cultural, universalidade e emancipação*, traduzido pelo grupo de pesquisa KiT, Gabriel Roberto Dols Gallardo e Catalina Calafat Ripoll revisitam a “virada cultural” dos Estudos da Tradução dos anos 1990 para então adentrar em uma discussão sobre a “virada de poder” da tradução no campo da dominância e resistência cultural. Para isso, Dols e Calafat trazem discussões filosóficas e sociológicas fora do campo da tradução a partir de Judith Butler, Ngũgĩ wa Thiong’o, Étienne Balibar e Boaventura de Sousa Santos para pensar em novos paradigmas intelectuais que dêem conta de projetos emancipatórios na perspectiva de evitar universalismos monoculturais. Em vista disso, as reflexões vão especialmente para uma direção de natureza ética no intuito de conscientizar tradutores e tradutoras culturais do papel político e social da tradução e dos riscos da universalização.

Por fim, o número ainda conta com a resenha de Mariana Baierle da obra brasileira *Estudos da Tradução e Comunidade LGBT - sobre vozes entendidas e transformistas textuais*, organizada por Dennys Silva Reis e Vinicius Martins Flores, publicada em 2024, contando com 18 textos de diferentes autorias. A autora traz a importância da obra no campo tradução LGBTQIA+ no Brasil, apresentando seus tensionamentos, traduções específicas para o público LGBT, história da tradução queer no Brasil, pautas, debates e diálogos da tradução *queer* com outros segmentos sociais marginalizados, tais como os segmentos das deficiências visuais e auditivas. Assim, Baierle destaca a obra como um ponto de referência importante para a problematização da tradução *queer* e de questões de diversidade nos Estudos da Tradução no país, consciente de que a pesquisa nessa seara ainda se encontra em estágio inicial.

As reflexões trazidas neste número abordam diferentes aspectos que envolvem a desafiante relação entre prática e teoria da tradução, sobretudo como traduzir teoria não só impacta a maneira como se traduz, mas também abre um diálogo necessário entre o que se produz ao redor do mundo e nossa própria produção. Isso nos faz repensar nossas metodologias e abordagens, mas também mostra o quanto avançamos e o quanto temos a contribuir para esse diálogo. Além disso, as traduções que compõem este número são testemunhas do crescimento e dos bons resultados de traduções colaborativas.

Encerramos esta apresentação agradecendo às/aos pareceristas e à equipe editorial da revista, em particular à Patrícia Costa e Rodrigo D’Ávila, que se dedicaram exaustivamente para que este número fosse possível.

REFERÊNCIAS

- Alves, Fabio. (1997) Formação de tradutores a partir de uma abordagem cognitiva: reflexões de um projeto de ensino. *TradTerm* 4.2 (1997): 19-40.
- Alves-Brito, Alan. (2023). *Oríkì Òrìṣà*: canção e poesia oral iorubana no Brasil. *Revista Organon*, v. 38, n. 75, p. 01-21.
- Araújo, Vera Lúcia Santiago. (2002). O processo de legendagem no Brasil. *Revista do GELNE*, [s. l.], v. 4, n. 1, p. 1-6.
- Azenha Jr., João. (1999) *Tradução Técnica e Condicionantes Culturais*. São Paulo: Humanitas.
- Baker, Mona. (2023) Narrativas na e da tradução. Tradução de Márcia Moura da Silva e Beatriz Cerveira. *Organon* 38.75.
- Bevilacqua, Cleci Regina, Sales, Denise Regina, Silva, Marcia Moura, Reuillard, Patrícia Chittoni Ramos, Loguercio, Sandra Dias. (2023). *Como elaborar um dicionário especializado? - a experiência do grupo TERMISUL*. Porto Alegre: Zouk.
- Brizolara, Valéria. (2024). As Especificidades da Prática da Tradução Pública: os riscos do cenário atual no Brasil. In: Krause, Cristiane Kilian, Pfau, Monique e Flores, Vinicius Martins (eds.). *Do Sul para o Mundo: pensando a tradução no contexto pós-pandemia*. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix.
- Calvi, Maria Vittoria, and Rafaela Marques Rafael. (2022). Gêneros discursivos, diversidade cultural e tradução de textos turísticos. *Cadernos de Tradução* 42.1: 1-30.
- Carrascosa, Denise, Casilhas, Feibriss e Ayoh'Omidire, Félix. (2023). *Traduzindo no Atlântico Negro*: dinâmicas exusíacas em rotas de fuga e performances de religião afroancestral. Salvador: Ogum's Toques Negros.
- Carrascosa, Denise. (2016). Traduzindo no Atlântico negro: por uma práxis teórico-política de tradução entre literaturas afrodiaspóricas. *Cadernos de Literatura em Tradução*, n. 16, p. 63-71.
- Collet, Thaís. (2016). *O mercado de tradução audiovisual no Brasil*: formação e demanda. 292 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) — Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina.
- Costa, Paterson Franco. (2023). Pushkin na Bahia: reflexões de uma tradução afrocentrada. *SLOVO -- Revista de Estudos em Eslavística*, v. 5, n. 6, p. 25-36.
- Dias, Ana Paula; Araújo, Bruno. (2018). Estratégias Tradutórias e Adaptações Culturais na Dublagem: Um Estudo de Caso em Filmes de Animação. *Cadernos de Tradução*, v. 40, n. 1, p. 123-145.
- Echeverri, Álvaro. (2017). About maps, versions and translations of Translation Studies: a look into the metaturn of translatology. *Perspectives*, 25(4), 521-539.

-
- Esqueda, Marileide D. (2019). Tecnologias da tradução e pedagogia colaborativa. *Tradterm*, (34), 48–80. <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.v34i0p48-80>.
- Esqueda, Marileide Dias. (2025). Artigos científicos sobre formação em tradução publicados no Brasil: um estudo bibliométrico dos últimos 41 anos (1981-2022)." *ALFA: Revista de Linguística* 69.
- Foley, Stela. (2006). Tradução e Ciência: algumas considerações. *Tradterm*, 12, 181-191.
- Freire, Rafael de Luna. (2011). Versão brasileira: Contribuições para uma história da dublagem cinematográfica no Brasil nas décadas de 1930 e 1940. (2011). *C-Legenda-Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 24, p. 07-18.
- Hermans, Theo. (2014). *The conference of the tongues*. Routledge.
- Hurtado Albir, Amparo. (2020). Competência tradutória e formação por competências. Tradução de Lavínia Teixeira Gomes & Dantas, Marta Pragana. *Cadernos de tradução*, 40(1), 0367-416.
- Jakobson, Roman. (2009). Aspectos linguísticos da tradução. Tradução de Izidoro Blikstein & José Paulo Paes. In: Jakobson, Roman. *Linguística e Comunicação*, São Paulo: Cultrix, [1959], p. 79-81.
- Martins, Márcia A. P. (2006). Novos desafios na formação de tradutores. *Cadernos de tradução* 1.17: 25-44.
- Malta, Gleiton. (2023). *Ensino de Tradução e de Línguas: reflexões e propostas didáticas*. Campinas: Pontes.
- Malta, Gleiton, & Barcelos, Luiz Gustavo Nogueira. (2018). A localização em jogo na tradução de Games. *Tradterm*, 32, 116-137.
- Matos, Naylane Araújo, and Andréia Guerini. (2025) Estudos Feministas da Tradução no Brasil. *Estudos Feministas* 33.3, 1-5.
- Moura, William; Villanueva-Jordán, Iván (Eds.). (2018). Subjectivity and Materiality in Audiovisual Translation and Media Accessibility. (2025). *Cadernos de Tradução UFSC*, v. 45 n. 2, special issue.
- Neckel, Felipe., & Vasconcellos, Maria Lúcia. (2023). *Traduzir e refletir: Unidades didáticas para a formação inicial de tradutores-livro do(a) professor (a)*, v. 1. Campinas: Editora Pontes.
- Niranjana, T. (1992). *Sitting translation: History, post-structuralism, and the colonial context*. University of California Press. Berkely: University of California Press.
- Rocha, Karine; Caribé, Yuri. (2022). *Tradução e estudos de gênero*. 1ed. São Paulo: Lexikos.
- Odrekhivska, Iryna. (2019). The metaturn in translation studies, and the images of knowledge on translation. In *Translation Today: Literary Translation in Focus* (pp. 167-177).

-
- Oliveira, Sara. R. D. (2024). *A condição da mulher negra da África do sul pós apartheid: tradução do primeiro ato do drama our lady of Benoni*. Tese de doutorado defendida pelo PPGLitCult-UFBA. Salvador: UFBA.
- Pereira, Germana Henriques, Costa, Patrícia Rodrigues, D'Ávila, Rodrigo. (2022). Ensino de tradução remoto e a distância: desafios e propostas em tempos de pandemia. V. 13. Campinas: Pontes Editores.
- Pereira, Germana Henriques, Costa, Patrícia Rodrigues, D'Ávila, Rodrigo. (2020). *Formação de tradutores: desafios da sala de aula*. V. 9. Campinas: Pontes Editores.
- Pfau, Monique, & Humblé, Philippe (2019). Translation analysis of academic texts in the human sciences: a case study. *Cadernos de tradução*, 39(2), 146-165.
- Pym, A. *Explorando teorias da tradução*. (2017). Tradução de Rodrigo B. de Faveri; Cláudia B. de Faveri; Juliana Steil. São Paulo: Perspectiva.
- Rebechi, R. R., Santos, D., & Tagnin, S. E. (2025). Culinária brasileira: um CorTrad mais saboroso com o CulBras. *Linguamática*, 17(2).
- Rebechi, Rozane, Schabbach, Giulia Rotava, Freitag, Patrícia Helena. (2021). Sobre a busca por equivalentes funcionais em um corpus comparável português-ínglês de críticas gastronômicas. *Tradterm*, 37(2), 430-459.
- Rocha, Rafael. (2020). *A Cultura Brasileira na Dublagem: Perspectivas e Práticas*. São Paulo: Mercado de Letras.
- Rónai, Paulo. (1956). *Escola de tradutores*. Livraria São José.
- Santos Rodrigues, Márcio. (2022). Edição e tradução de quadrinhos africanos: relato de uma experiência. *Cadernos de África Contemporânea*, 5(09), 98-135.
- Silva, Márcia Moura (Org.). (2025): Tradução Audiovisual (2025). *Cadernos de Tradução UFRGS*, v. 1, n. 53).
- Trindade, Elaine Alves. (2022). *A Legendagem de séries brasileiras em português-ínglês: um estudo do impacto da tradução sob a ótica da Linguística de Corpus e da Análise de Sentimento*. 157 f. Tese (Doutorado em Letras) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Veiga, Maria José Alves. (2006). *O Humor na Tradução para Legendagem: Inglês/Português*. 395 f. Tese (Doutorado em Tradução) — Departamento de Línguas e Cultura da Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Zipser, Meta Elisabeth, Costa, Maria José Damiani, Almeida, Hutan do Ceu, Polchlopek, Silvana Ayub. (2010). Tradução jornalística: implicações prático-pedagógicas na relação tradução e ensino de línguas. *Revista X*, v. 2.

¹ Ver Pym (2017), que apresenta um panorama teórico dos ET a partir de diferentes paradigmas.

² A primeira tradução para o português brasileiro do artigo foi realizada por Márcia Moura da Silva e Beatriz Alves Cerveira (Baker, 2023) e se encontra na Revista Organon (Acesso em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/131389/89180>)